

## CONVERSANDO SOBRE O FEMININO - de que feminino vamos falar?<sup>1</sup>

*Mery Pomerancblum Wolff<sup>2</sup>, Porto Alegre*

*No presente texto, a autora segue abordando o feminino como uma dimensão psíquica arcaica, fundante, não ligada ao sexual ou ao gênero. Entende que é a partir do entrelaçamento desses aspectos - considerados como estruturantes da subjetividade - com a cultura que se constituem as posteriores identificações sexuais e de gênero.*

*Palavras-chave: Feminino; Subjetividade; Cultura; Identificações*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na atividade inaugural do ano científico do ITIPOA em abril de 2018.

<sup>2</sup> Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

## Introdução

Conversar sobre *o feminino* está em consonância com uma demanda íntima de várias mulheres, trazendo muitos questionamentos atuais de nossa sociedade sobre o papel da mulher, representando uma necessidade destas na atualidade, motivo pelo qual o tema está inserido no contexto do próximo Congresso da IPA.

Os temas mulher e *feminino* me instigam e me interessam há muitos anos, e tenho me dedicado a estudá-lo, a discuti-lo com colegas e a escrever algumas ideias na forma de artigos e textos. Esses têm se referido a alguns aspectos do *feminino* sob um vértice psicanalítico e, nesse momento, desejo entrelaçá-lo com outras áreas do conhecimento, em razão da complexidade do assunto.

A que *feminino* quero me referir?

Do feminino ligado às questões da mulher?

Do feminino na cultura?

Do feminino sob o ponto de vista intrapsíquico?

Das questões ideológicas ligadas aos movimentos feministas?

Entendo que *o feminino* é um conceito abarca todos esses aspectos. Podemos separá-los com fins didáticos, mas se os tomarmos separadamente, corremos o risco de cindir uma questão ampla, multifacetada, e é no seu entretecer que podemos refletir de forma mais profunda sobre esse tema tão complexo e amplo.

Como psicanalista é claro que meu olhar se direciona de imediato à construção do *feminino* na psicanálise sem deixar de contemplá-lo por meio dos seus outros e distintos vértices.

Não quero falar do feminino apenas enquanto algo da ordem do gênero, nem do feminino enquanto da ordem do materno, nem do feminino como algo pertencente a ordem do ideológico e sim de *um feminino* que também está ligado à mulher enquanto um ser com potências que nem sempre são reconhecidas e legitimadas nem pelas próprias mulheres, as quais, muitas vezes, necessitam do olhar legitimador do outro. Porque ela busca esse olhar? Porque seu próprio olhar não a legitima?

Onde está a potência do *feminino*?

Nos mistérios do corpo e da sexuação feminina que é voltada para dentro? Talvez essa noção nem se sustente mais com as novas tecnologias de imagem.

Poderíamos falar que existe uma sensação de “impotência inata”? E esta teria a ver com a noção de castração de Freud (1908/1990; 1925/1990)? Ou seria um derivado do

masoquismo feminino (Freud, 1919/1990) que, no dizer deste autor, seria “correspondente à uma atitude feminina” (p.251)?

Podemos dizer que seria uma sensação que vem do âmago de seu ser e que é referendada pelo social, incapaz de reconhecer e legitimar a potência feminina?

E como explicaríamos a potência feminina em seu desempenho multitarefa?

Porque se sentiria tão fragilizada sendo algo tão potente no real?

Sem dúvida, esta é uma série de questões complexas. Para entender o sentido do termo, *complexo*, me reporto à conferência de Luiz Alberto Oliveira curador do Museu do Amanhã, realizada em março de 2018 na SPPA, que tratou desse conceito, vindo do latim *plexo* que significa dobras, em que se cria uma terceira dimensão geradora de um espaço no qual reside o mistério, o que não é visto, conhecido e, portanto, constituindo algo que cria uma dimensão do novo ou do inominável.

A intrincação entre aspectos internos e externos é extremamente importante para entendermos o psiquismo feminino. Neste trabalho, proponho-me a pensar um pouco sobre este *feminino* que tem uma dimensão do que é complexo, e que é, por vezes, inominável, sem deixar de considerar os aspectos daquilo que lhe é externo, como é o caso da cultura.

### **O *feminino* sob o ponto de vista da psicanálise**

A questão do feminino na psicanálise remonta a mais de um século, e certamente sofreu transformações que são próprias de uma ciência em movimento. Vou referir-me a alguns conceitos que considero importantes, tentando entrecê-los com o que entendo como central para a noção de feminino.

Historicamente, conceitos trazidos por Freud com o início da psicanálise eram inovadores e desafiantes em uma Viena no início do século XX. Desde a sexualidade infantil (1905), passando pelas noções de bissexualidade, monismo fálico, pela questão da diferença na constituição edípica (1924), pela valorização da etapa pré-edípica na menina (1931), estes conceitos acabaram por chegar, no meu entendimento, à noção de que a transformação da menina em mulher é árdua e complexa, sendo concebida por este autor como um *continente negro* (1926) expressão que atribuo atualmente ao desconhecido, ao velado e, quem sabe, ao que era, naquele momento, o difícil de representar.

No decorrer de sua obra, o conceito de bissexualidade não é, em sua visão, suficientemente esclarecido, mantendo um aspecto que ele considera obscuro (1930). Parece-me que essa percepção de Freud ainda é cabível nos dias atuais.

Nos trabalhos posteriores sobre feminilidade (Freud, 1931/1990 e 1933/1990), a castração continua sendo um ponto central no sentido de compreender o tema. Concebe a feminilidade inicialmente pelo caminho da neurose, *pois, ao ser recusado o prazer, é recusado o reconhecimento da falta e assinalado que o desejo está em outro lugar - que não no pênis*. Em um segundo caminho, que seria entendido por ele como normal, *a mulher transforma o desejo masculino na fonte do próprio investimento narcísico*. Nesse caso, a feminilidade é um dom que pode ser oferecido ao parceiro, e não a constatação de uma falta.

Dentre as concepções de Freud sobre o entendimento do feminino, encontramos a ideia de que este se constitui pela percepção da falta. Esta noção é uma das formas de compreender este papel na teoria psicanalítica, relacionada com a centralidade da biologia como destino. Diversos autores questionam, divergem ou acrescentam aspectos a estas concepções como seguiremos vendo, mas esses conceitos iniciais me parecem importantes de serem tomados em consideração.

Outros autores, como Horney (1924, 1926/1967) e Jones (1927, 1933, 1935) questionaram esses conceitos freudianos, por entender que a menina percebia a sua vagina, mas a negava.

Melanie Klein (1932a/1997) segue as ideias destes autores e acaba por ampliá-las, acrescentando que a menina tem uma percepção inconsciente da vagina, algo que modifica a compreensão da sexualidade feminina. Ela não é a falta, é para dentro, é passivo, é receptivo.

Ainda segundo Klein (1932b/1997), os bebês, sejam meninos ou meninas, desde o nascimento estabelecem um vínculo de muita proximidade e amor com a mãe e, nesse processo, estrutura-se psiquicamente uma fase de desenvolvimento que ela chama de feminina, independente do sexo. Entende que, nesse momento, o funcionamento mental é semelhante em meninos e meninas, caracterizando-se pelo desejo de conter, dentro de si, o pênis do pai e os bebês da mãe, algo que seria uma atitude continente, considerada como tipicamente feminina.

Destaco essa concepção de Klein porque a entendo como coincidente com a formulação que faço sobre *o feminino*, em que uma das características estaria ligada ao desejo de continência como algo especificamente feminino, diferente de ser algo ligado à feminilidade.

Winnicott (1966) considera a mãe como fundamental desde o início da constituição psíquica. Para este autor, meninos e meninas quanto homens e mulheres possuem elementos femininos e masculinos, presentes desde uma etapa muito inicial da vida, a partir da relação precoce com a figura materna. O sentimento de ser que, para Winnicott, é construído nessa

relação inicial com o seio, representa um elemento feminino puro. Refere-se à experiência de onipotência, que permite que o bebê sinta que o seio e a mãe são criações suas, dando-lhe o senso de continuidade. Winnicott (1966) refere que esse elemento feminino puro compõe-se como uma experiência inicial vital em uma experiência de identificação primária, matriz de identificações futuras, anterior à organização do elemento masculino puro, que, na sua relação com o objeto, pressupõe a separação e um ego disponível. Parece-me que esse elemento feminino é básico para a constituição psíquica, uma vez que funda a noção de si mesmo.

O conceito de elemento feminino de Winnicott (1966), bem como o conceito de Klein (1932b) sobre a fase feminina, servem de suporte e fundamento para o que entendo como *o feminino*, referendando que a organização desse aspecto da vida psíquica é inicial e ocorre com todos em sua relação de objeto mais precoce, pressupondo a diferenciação ego-objeto, sendo a raiz de futuras identificações.

Uma autora contemporânea como Glocer Fiorini (1994/2001) considera que *o feminino* seria um registro que abarca ambos os sexos e refere-se “às primeiras experiências, pré-edípicas, pré-especulares, com uma poderosa influência do materno, e que descentram a polaridade-masculino-feminino, justamente por envolver a ambos os sexos” (p. 34). Descreve *o feminino* como sendo uma experiência primária corporal, cenestésica, pré-discursiva, e que, por sua natureza, não pode receber representação psíquica direta em razão do excesso de excitação.

Essa contribuição de Glocer Fiorini (1994/2001) referenda a minha maneira de entender *o feminino* como inicial, fundante, presente em ambos os sexos, ligado à relação primária com a mãe. Acrescenta, ainda, uma questão importante que se refere à dificuldade de representação psíquica dessa experiência. Essa experiência primária corporal, como conceitua a autora, permite que as diferenças anatômicas proporcionem marcas de vivências distintas. Elas vão constituir representações específicas nas quais o tempo, o espaço e a sensorialidade (Wolff, 2005) construirão a imagem de corpo que vai estabelecer a identidade, incluindo a sexual.

Paim Filho (2014) aborda as questões do *feminino* de maneira interessante. Discute-as com base nos conceitos freudianos, diferenciando-as de feminilidade. Entende que *o feminino* deve ser remetido às origens do sujeito, calcado em uma disposição biológica de base, que “se oferece como agente de captura e ligação da energia pulsional” (p. 45) e que serviria de “papel de fundo” (p. 44) para o campo psíquico.

Ele supõe que Freud tenha retomado a saída biológica por pensar que *o feminino*, os destinos pré-recalque e o recalque originário são, por si só, extremamente enigmáticos, constituindo algo da ordem do mistério e das origens do humano.

Nessa linha de raciocínio, situa *o feminino* como elemento fundante do aparelho psíquico, ancorado em um tempo anterior e presente no núcleo do inconsciente não recalqueado. Este seria um *feminino* repudiado, demoníaco, assustador. *O feminino* não repudiado é aquele que oferece palavras para que o repudiado possa se apresentar e se representar de forma mais aceitável algo que seria alcançado através de uma dura conquista do desenvolvimento da capacidade de simbolizar, consistindo na aceitação da falta, da incompletude em enfrentar a castração e reconhecer nesta uma possibilidade estruturante do processo psíquico e da cultura.

Retomar esses conceitos foi um movimento muito rico, permitindo-me construir o modo por meio do qual penso *o feminino* atualmente. Entendo-o como dialético, implicando em uma série de revisões, rupturas e ampliação de elaborações. Inspiro-me na concepção de Laplanche (*apud* Skowronsky, 2012) que, como Bion, usa a metáfora da espiral com o intuito de descrever o fenômeno que, na busca do conhecimento, acaba por realizar uma volta aos mesmos pontos, em outro patamar, em uma progressão dialética.

Considero, então, *o feminino* como algo muito inicial no ser humano, um aspecto psíquico subjetivo, tanto no sentido de que é um processo psíquico e subjetivo como algo do fundamento e não da qualidade. Possui a dimensão do que é arcaico e não representado. É inicial, fundante e não se encontra ligado ao sexual ou ao gênero.

Ao meu ver, esse conceito é importante para que possamos entender a constituição psíquica do indivíduo como uma construção, que parte da biologia e que, no decorrer da vida, passa a agregar outros componentes. A sexualidade, compreendida como a expressão de uma pulsão em busca de um objeto, se constitui num processo em que as identificações são fundamentais para a constituição da feminilidade e da masculinidade.

Eu entendo que *o feminino* é diferente dos conceitos de feminilidade e identificação feminina.

A *feminilidade* refere-se ao processo de tornar-se mulher e feminina, como uma qualidade, constituindo-se em um entrelaçado entre o biológico e o cultural, tendo hoje, então, uma configuração diferente daquela que possuía na época de Freud, por exemplo, para quem o ideal de feminilidade estava ligado à maternidade.

As *identificações femininas* instituem-se desde muito cedo, assentadas sobre várias significações atribuídas pela mãe em sua relação com o bebê. Pressupõe a elaboração de

diversas vicissitudes do desenvolvimento, prioritariamente a questão da bissexualidade, o reconhecimento das diferenças, bem como a resolução do conflito edípico.

As questões de gênero, centrais em nossa cultura, necessitariam de um espaço mais amplo de discussão, e não tenho a intenção de ampliá-la nesse momento. Apenas para contextualizar, tomo os conceitos de Stoller (1993) que concebia o gênero como uma nomeação dada pelos pais ao bebê, definindo a que gênero este pertence.

### **O feminino na cultura**

Quando se fala desde o lugar da cultura tenho a impressão de que *o feminino* fica quase como um sinônimo do que é da mulher. É importante, assim, falarmos sobre os diversos papéis da mulher na cultura.

Sob o ponto de vista da história, a posição da mulher em várias culturas foi bastante distinta. Nos estudos arqueológicos feitos sobre a civilização minoica, encontraram-se dados que confirmam a importância conferida às mulheres que exerciam funções religiosas, administrativas e políticas, e o mesmo se sabe sobre a cultura celta. Na antiguidade, antes dos descobrimentos marítimos, existiam mulheres guerreiras, as amazonas, famosas por suas lides nas guerras bem como por seu papel como líderes sociais. Foram elas as inspiradoras de Francisco Orellana, que assim denominou as icamiabas, índias que dominavam a região próxima ao rio que recebeu também o mesmo nome (rio Amazonas).

A colocação da mulher em um papel secundário na cultura ocidental vem sendo questionado desde o século XVIII (especialmente a partir da Revolução Francesa, em que as concepções de igualdade não foram contempladas) dentro do Iluminismo, mas foi mais efetivo através do movimento feminista do século XIX. Este movimento era composto por um conjunto de ideias políticas, sociais, ideologias e filosóficas que possuíam como objetivo comum os direitos iguais e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino e da libertação de padrões patriarcais, sendo algo baseado em normas de gênero, conceito este muito atual também. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias que advogam uma maior igualdade entre homens e mulheres, além de promover os direitos das mulheres e seus interesses em ondas de movimentos. A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, sendo seu objetivo a conquista do voto das mulheres. A segunda onda ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, enquanto que a terceira começou na década de 1990 e vem até a atualidade. A teoria feminista surgiu a partir destes movimentos femininos, manifestando-se

em diversas disciplinas, tais como a geografia feminista, a história feminista e a crítica literária feminista (Feminismo, 2018).

Na década de 60 nos EUA, iniciou-se um movimento feminista que abordava questões da sexualidade, da família, do mercado de trabalho, violência doméstica, do estupro conjugal e o divórcio centrado na sociedade branca de classe média e alta.

Na década de 90, por sua vez, buscava-se a ampliação das conquistas anteriores para todos os grupos femininos, incluindo-se aí as lutas pelas questões de gênero, sendo que também existe um grupo que defende o chamado feminismo da diferença, cujo importante expoente, a psicóloga Carol Gillian, defende a existência de importantes diferenças entre os sexos, enquanto outras vertentes acreditam não haver diferenças inerentes entre homens e mulheres, defendendo que os papéis atribuídos a cada gênero instauram socialmente a diferença (Feminismo, 2018).

Atualmente, existe o reconhecimento de que a pessoa também possa atribuir-se uma identidade de gênero distinta de sua sexuação. Essa concepção tem sido permeada por questões ideológicas – um conjunto de *ideias, pensamentos, doutrinas* ou *visões de mundo* de um indivíduo ou de determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas. Diversos autores utilizam o termo através de um viés crítico, considerando que ideologia pode ser um instrumento de dominação que age por meio de convencimento, persuasão que alienaria a consciência humana.

A ideologia de gênero ou a *ideologia da ausência de gênero*, como também ficou conhecida, é a ideia de que *a sexualidade humana seja parte de construções sociais e culturais* e não um fator biológico.

De acordo com esta ideologia, os seres humanos nasceriam *neutros* e poderiam, ao longo da vida, escolher o seu gênero sexual.

### **O feminino na sociedade/comunidade**

Com colegas da SPPA, acompanho grupos de educadoras de escolas infantis da Prefeitura Municipal de Porto Alegre há mais de 11 anos. Neste ínterim, tenho observado em muitas delas essa percepção de si mesmas como frágeis e incapazes, apesar de exercerem sua função revelando conhecimentos intuitivos extremamente importantes. A princípio, nosso grupo vinculou essa percepção à falta objetiva de capacitação destas mulheres para as funções exercidas, mas no decorrer do tempo, percebemos que essa sensação de incapacidade se



estendia a outras situações de vida em que, apesar de desempenharem qualquer função com habilidade e capacidade, sentiam-se na dependência da figura masculina para algumas tarefas.

Esta vivência feminina da fragilidade e da dependência é o produto de uma cultura que coloca a mulher neste patamar, baseado em um sentimento que não só é aportado pela cultura, mas também vivenciado pela própria mulher, acerca de suas potencialidades intrínsecas. Sua posição continente, de acolhimento e a ideia estatuída nos séculos anteriores no sentido de que a sua vocação seria unicamente para a maternidade, era vivida e entendida, inclusive pela mulher, como um sinal de fragilidade.

Como exemplo desta situação, também me ocorre uma cena do filme *The post*, estrelado por Tom Hanks e Meryl Streep, em que ela, no papel da herdeira do Jornal *The Washington Post* no início dos anos 70, decide publicar uma investigação feita por jornalistas que descobriram que o governo divulgava mentiras sobre o sucesso das ações no Vietnam. Uma prévia desta divulgação já havia sido feita por outro jornal que sofreu sanções importantes. Na cena a que me refiro, quando sozinha assume a decisão de publicar essa notícia, entendo que ela toma uma atitude em que o feminino predomina: é capaz de continência, consideração a sua essência, ao seu *ser* e ao outro – em suma, ser uma pessoa.

Em outro momento, ao ler o Segundo Caderno do Jornal Zero Hora (25/03/2018), chama-me a atenção a reportagem sobre um grupo de musicistas mulheres que decidem unir-se para produzir seu trabalho. Partem de um sentimento de exclusão em um universo machista que privilegia o trabalho exercido por homens, desconsiderando a arte de qualidade produzida por tantas mulheres. Descrevem as várias discriminações vivenciadas pelas mulheres no mercado de trabalho: desvalorização do trabalho, tratamento desigual e pagamentos abaixo dos pagos para trabalhadores homens.

Em uma atitude na qual predomina *o feminino*, elas assumem a direção de suas vidas; reúnem-se numa atitude de continência, agem, promovem eventos, *são* !!! Em suas palavras quando dizem: “tu pensa coisas e tenta lutar sozinha, mas quando encontra outra mina que pensa a mesma coisa, isso faz a ideia crescer [ ] vejo um início de cena, em que as mulheres se juntam para se enxergar e para ver que não estão sozinhas” (Foster, 2018).

## **O feminino na clínica**

Os conceitos psicanalíticos anteriormente descritos são conhecidos e possuem certo consenso. Entendo-os como parte de um processo de trabalho psíquico que se inicia

precocemente e marca o psiquismo como um registro que se inscreve na mente e acaba por se apresentar nos conflitos dos pacientes que recebemos em nosso consultório.

Eva começou a análise aos 34 anos. O motivo manifesto eram os problemas no casamento, quase todos colocados no marido. Não me parecia que Eva era protagonista de sua vida. Tudo era referenciado às faltas que o marido, a mãe e o pai lhe causavam, bem como no sofrimento que isso lhe proporcionava. No decorrer da análise fomos entendendo o quanto suas dificuldades ligadas *ao feminino* podiam interferir em suas ligações com o sexo masculino. As faltas a que ela se referia implicavam em uma vivência de falta fálica, investida de uma representação de poder, principalmente para a mãe. Descreveu a mãe como uma pessoa muito narcisista, voltada mais a si mesma do que para os filhos. Era uma mulher muito linda, sedutora e que traía o marido, de quem se separou quando Eva era bem pequena, mantendo-a afastada do pai durante bastante tempo.

Eva percebia a relação com a mãe como muito complexa. Tinha muitas queixas de faltas dela em relação a si mesma. Sabemos que a relação da menina com sua mãe é sempre bastante complexa em função dos movimentos identificatórios e das ansiedades edípicas, entre outros fatores.

Descreveu a experiência da menarca como muito ansiogênica. Quando se percebeu sangrando, ficou muito assustada e correu a procura da mãe. Refere que esta, também ficou ansiosa, começou a rir e não conseguiu conversar com ela. Quem a acolheu em sua ansiedade e a conteve com um colo e algumas explicações foi uma vizinha que, em geral, sempre era muito receptiva quando Eva se sentia angustiada e sem entender o que acontecia a seu redor.

Penso que esses movimentos da relação da menina com a mãe também contribuem para a representação *do feminino*.

Eva temia e rejeitava sua representação *do feminino* por associá-lo à figura materna sedutora, “uma voraz devoradora de homens” como expressou em um momento. Esse era o modelo de *feminino* presente em seu imaginário e ela o rechaçava. Não se via como uma mulher bonita, apesar de ser. Quando reconhecia esse aspecto de si mesma, descrevia como desvalorizado. Um exemplo disso foi quando contou sobre os concursos de beleza em nível estadual em que participou e venceu. No momento em que ocorreram esses certames, o que lhe pareceu valorizado era alimentar o narcisismo da mãe, que exultava ao vê-la vencedora. A posteriori, pareceu-lhe que a mãe sentia-se ela própria vencedora, algo que lhe dava mais raiva ainda. Novamente a mãe a “usava” para obter alguma vantagem!

A percepção do que ela entendia como *o feminino* materno, e os sentimentos que isto lhe despertava, dificultavam a sua relação com seus aspectos femininos os quais eram rechaçados.

*O feminino*, para Eva, era o devorador, o que ataca, o que não contém.

Assim, quando nasceu sua filha, sentiu muita dificuldade em acolhê-la. Rechaçou a ajuda da mãe, mas teve, em seu companheiro, um apoio efetivo, circunstância que permitiu que se aproximasse da filha, menos perseguida pelos temores de ser atacada por ela, repetindo seus sentimentos em relação à mãe.

Eva era uma mulher bonita e muito temerosa de suas capacidades. No plano de trabalho, bem como nas relações sociais sentia-se diminuída e sem potencial, assim como se sentia sem poder de sedução como mulher. Parecia-me que Eva *não era*. A percepção dessas vivencia foram muito dolorosas para a paciente. Em um primeiro momento e durante certo tempo, predominaram os *acting out* como forma de reviver e tentar elaborar essas experiências.

Á medida em que esses sentimentos eram vivenciados e reapresentados como imagens inconscientes registradas em sua mente, Eva pode reintrojetar as identificações primárias no sentido de resgatar seus próprios sentimentos, os quais lhe capacitaram viver experiências de maior autenticidade em seu sentimento de ser.

### **Então, de que feminino estou falando?**

*O feminino*, como o entendo, é substantivo, separado e diferente do feminino como adjetivo, de feminilidade e de identificação feminina. Não é uma qualidade, mas um sentimento de ser, envolve a capacidade e o desejo de continência e se estabelece a partir da relação diádica tanto em mulheres quanto em homens.

Penso que *o feminino* refere-se a esta dimensão do que é arcaico e não representado. Um registro que se encontra em busca de uma simbolização. A meu ver, esse *feminino* constitui-se a partir do sexual, do psicosexual, não do gênero sexual, que, na tessitura das relações objetais, constrói uma dimensão psíquica do que é subjetivo, qualquer que seja o gênero de cada um, tornando se simbolizável e simbolizado na medida em que se constitui a mente.

Ou seja, é a partir desse *feminino* que vai se entretecendo a aquisição de uma identificação, a qual pode ser feminina, e de um senso de feminilidade. Isso não se dá de forma linear, mas sim em circunvoluções e a partir de inter-relações, em um processo

complexo que envolve desde os registros iniciais das relações mãe-bebê, que revela *o feminino* como um registro arcaico, passando pela busca de um modelo de mãe ideal para identificar-se e pelos aspectos pulsionais no campo do desejo e busca por um objeto sexual.

A constituição de um sentimento de feminilidade, bem como a sexuação, se organizam nessa tessitura entre *o feminino*, o arcaico pulsional, que encontra um objeto (mãe) que permite que o sentimento de ser vá se organizando, e, ao mesmo tempo, vão formando modelos identificatórios, postos em ação desde o nascimento, juntamente com a percepção do corpo (ter ou não uma vagina).

Como podemos compor essa noção de *feminino* com os conceitos de feminilidade, de gênero feminino ou de identificação feminina? E como compor esses conceitos com o feminino na cultura?

A meu ver, na dimensão social, da cultura, esses conceitos estão quase que indissociados. O aspecto central nessa dimensão está nas questões da mulher dentro do social. Contudo, tenho percebido que, ao ficar focado em como esta questão é percebida e considerada dentro da cultura, passam a vigorar os estereótipos da submissão, ou seja, de uma posição subalterna ao homem, dos salários diferentes em relação a homens e mulheres e da desconsideração pelas potências femininas.

Finalizando, ressalto o aspecto inerente do *feminino* que permanece como uma característica em homens e mulheres. Refere-se à capacidade de continência, ao que é receptivo, à capacidade de contemporização. Baseia-se em aspectos constitucionais, na identificação primária e nas transmissões feitas pelos pais mesmo antes do nascimento. Organiza-se na relação mãe filho quando se constitui o sentido de ser (como Winnicott descreve), um modo psíquico, subjetivo, com sua identidade propriamente dita.

## Referências

- Feminismo. (2018, abril 23). *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Recuperado em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo&oldid=51887743>.
- Foster, G. (2018, março 25). Mulheres formam pulsante cena musical de Porto Alegre. *Zero Hora*. Recuperado em: <http://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/03/mulheres-formam-pulsante-cena-musical-de-porto-alegre-cjf7b85w3009701phavujwf8g.html>

- Freud, S. (1990). Três ensaios sobre a sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.7, pp.118-228.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1990). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 221-228). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1990). Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.17, pp.223-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1990). A dissolução do Complexo de Édipo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.19, pp.215-224). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1990). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.19, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1990). A questão da análise leiga. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp.205-293). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1990). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1990). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 257-279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1990). Feminilidade. Conferência XXXIII. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp.139-165). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Gloer Fiorini, L. (2001). *Lo femenino y el pensamiento complejo*. Buenos Aires: Lugar. (Trabalho original publicado em 1994).
- Horney, K. (1924). On the genesis of the castration complex-complex in women. *International Journal of Psycho-Analysis*, 5(1), 50-65.
- Horney, K. (1967). The flight from womanhood. In *Feminine psychology*. London: Routledge & Kegan Paul. (Trabalho original publicado em 1926).
- Jones, E. (1927). The early development of female sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 8(4): 459-472.
- Jones, E. (1933). The phallic phase. *International Journal of Psycho-Analysis*, 14(1): 1-33.
- Jones, E. (1935). Early female sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 16(3): 263-273.

- Klein, M. (1997). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In *A psicanálise de crianças* (pp. 213-257). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932a).
- Klein, M. (1997). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual do menino. In *A psicanálise de crianças* (pp. 258-295). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932b).
- Paim Filho, I. A. (2014). A guerra e o repúdio ao feminino: uma releitura da disposição feminina originária. In *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte* (pp. 41-57). Porto Alegre: Movimento.
- Skowronsky, S. (2012). Por que ler - Jean Laplanche. *Psicanálise Revista SBPdePA*, 14(1): 353-363.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade-apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1966). Sobre os elementos femininos e masculinos ex-cindidos. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs). *Explorações psicanalíticas* (pp. 133-150). Porto Alegre: Artmed, 2005.
- Wolff, M. P. (2005). *Sobre o olhar na estruturação do psiquismo*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Monografia.

**Mery Pomeranblum Wolff**

Av. Taquara 193 conj. 401 - Petrópolis  
90460-210 – Porto Alegre – RS - Brasil  
Fone- 55 51 33306172  
mery.wolff@hotmail.com